

PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

LÁSZLÓ KRASZNAHORKAI

Guerra e Guerra



cavalo de ferro

O céu é triste.

I

COMO UMA CASA A ARDER

1

Já não me importa se morro, disse Korim, e após um grande silêncio apontou para o lago de uma pedreira ali perto: *Aquilo ali são cisnes?*

2

Sete miúdos cercaram-no a meio da ponte pedonal ferroviária, em semicírculo, de cócoras, quase o pressionando contra a balaustrada, tal qual tinham feito meia hora antes, quando o atacaram para o assaltar, só que agora já ninguém o queria atacar nem assaltar, uma vez que se tornara evidente que, devido a factores imprevisíveis, não valia a pena, ainda que fosse possível, atacar alguém como ele, porque provavelmente ele não tinha mesmo nada, a única coisa que tinha era um fardo ainda imperceptível, de modo que quando este se foi lentamente revelando, num determinado ponto do monólogo confuso e tempestuoso de Korim, para eles «na verdade aborrecido como o carraças», sensivelmente naquele ponto em particular em que começou a falar em perder a cabeça, eles não se levantaram,

não o deixaram ali como se fosse um maluco, mas ficaram tal qual estavam e para o que tinham vindo, em semicírculo, de cócoras, imóveis, porque entretanto a tarde escurecia lentamente sobre eles, porque a escuridão que caía no silêncio industrial do crepúsculo os tinha silenciado, e porque esse estado de imobilidade e silêncio era em todo o caso a expressão mais profunda da sua atenção, da qual Korim se evadira e à qual restava assim apenas um único objecto: os carris lá em baixo.

3

Ninguém lhe pedira para falar, só queriam que ele lhes passasse o dinheiro, coisa que ele não fez, dizendo-lhes que não tinha, e pôs-se a falar, primeiro aos tropeções, depois com maior fluidez e por fim ininterruptamente, mas em todo o caso falava, e sem dúvida que o fazia porque tinha medo do olhar dos sete miúdos, ou conforme depois se revelou: tinha o estômago às voltas de tanto medo, e quando o medo, disse ele, se punha a apertar-lhe o estômago, tinha absolutamente de falar, inclusive uma vez que aquele medo ainda não tinha desaparecido, já que não dava para saber se os miúdos tinham armas ou não, ia-se embrenhando cada vez mais naquele seu discurso, embrenhando-se cada vez mais na ideia de lhes contar tudo, tudo até ao fim, a quem quer que fosse, uma vez que desde a altura em que secretamente — e no último momento! — iniciara «a grande viagem», conforme ele lhe chamava, desde esse momento que não trocara uma palavra com ninguém, nem uma só palavra, pois considerava isso demasiado perigoso, se bem que também não tivesse muita gente com quem falar, visto que no seu caminho ainda não encontrara ninguém inocente ou que não tivesse de temer, considerando que para ele ninguém era suficientemente inocente e era preciso

temer toda a gente, já que ele, e isso disse-o logo de início, via em toda a gente uma e a mesma pessoa, a saber, aquela pessoa que directamente ou na sombra estava em contacto com os seus perseguidores, em ligação próxima ou distante, mas em todo o caso inegável, com aqueles que segundo ele sabiam cada passo que ele dava, só que ele era mais rápido, conforme mais tarde contou, «pelo menos meio dia» era sempre mais rápido do que os outros, ainda que à custa de fugazes vitórias no tempo e nos lugares: efectivamente não trocara uma única palavra com ninguém, apenas agora, por medo, sob a pressão natural do medo, se aventurava em áreas cada vez mais importantes da sua vida, lançando um olhar cada vez mais íntimo e profundo, para assim com isso os subornar, para os pôr do seu lado, para pura e simplesmente subtrair o ataque aos atacantes e convencer todos os sete de que ali estava alguém que não se tinha simplesmente rendido, mas que com essa rendição quase lhes passara a perna.

4

Havia no ar um cheiro a alcatrão, por todo o lado um cheiro nauseante, penetrante e concentrado a alcatrão, e nem o vento forte conseguia ajudar, pois esse vento, que aliás já os penetrava até aos ossos, apenas levantava e difundia esse cheiro, mas sem conseguir substituí-lo por outro, sendo que toda a vizinhança, num raio de quilómetros, e principalmente ali, entre o estuário de carris que chegavam de leste e logo divergiam como partes de um leque e a estação de mercadorias de Rákosrendező, visível por detrás deles, tinha o ar saturado daquilo, daquele cheiro a alcatrão, acerca do qual era em todo o caso bastante difícil dizer que mais o constituía além do fumo e da fuligem acumulados, das centenas de milhares de comboios que haviam passado, e do cheiro das sujas traves de

madeira, brita e aço dos carris, sendo porém indubitável que não eram apenas esses, mas também outros elementos, mais secretos, mal podendo ser descritos ou mesmo impossíveis de nomear, entre eles seguramente o tremendo fardo da futilidade humana, dali levado naquelas centenas de milhares de comboios, milhões de nauseantes vontades coincidindo definitivamente numa assustadora ausência de propósito, tudo isto visto do alto da passagem superior, e certamente também a forma como se alimentava aquele espírito flutuante de desolação, de abandono, de torpor fantasmagórico e industrial, o qual, no decurso de décadas, caíra com lentidão sobre aquela paisagem, e era nisso que Korim procurava agora situar-se, ele que na sua fuga originalmente só quisera passar para o outro lado – despercebido, rápido, silencioso –, para seguir o seu caminho na direcção do suposto centro da cidade, só que agora via-se por assim dizer obrigado a permanecer naquele ponto frio e ventoso do mundo, agarrando-se a detalhes que estivessem à altura dos seus olhos, aparentemente mais significativos, ainda que evidentemente casuais – grade, berma, asfalto, metal –, para que assim depois aquela ponte pedonal, a uns duzentos metros da estação de mercadorias de Rákosrendező, o conduzisse de uma parte não existente do mundo a uma parte existente do mundo, a uma nova vida, ou conforme ele próprio mais tarde formularia, a uma das primeiras importantes etapas da sua «corrida desenfreada», uma ponte pedonal que aliás, caso não o tivessem detido, ele teria simplesmente atravessado a correr.

5

Começara de repente, sem introdução, suspeita, preparação ou aviso, precisamente num dado momento do seu quadragésimo quarto aniversário ele fora atingido por aquele reconhecimento,

e logo de forma tremendamente dolorosa, tal como antes aqueles sete o haviam atacado ali no meio da ponte pedonal, disse, dessa mesma forma inesperada e imprevisível, estava ele sentado na margem de um rio, onde por vezes se sentava, porque não tinha vontade de ir para casa, para o apartamento vazio, precisamente no seu dia de anos, estava sentado e foi efectivamente de repente que o atingiu, contou ele, que, meu Deus!, ele não percebia nada de nada, ai, ai, ai, não tinha a mínima ideia do que quer que fosse, Deus do Céu, não entendia o mundo, e assustava-se já com a maneira como formulava a coisa, aquele nível de lugares-comuns, banalidade, ingenuidade nauseante, mas era disso que se tratava, disse, simplesmente viu-se a si próprio terrivelmente estúpido aos quarenta e quatro anos, um otário vazio e idiota pela forma como aos quarenta e quatro anos *entendia* o mundo, e ao mesmo tempo a questão era que, e percebeu-o ali junto ao rio, não só não entendia o mundo como pura e simplesmente não entendia nada de nada, sendo que o pior era que durante quarenta e quatro anos acreditara que sim, que entendia, embora não entendesse, e isso fora o pior naquela tarde de aniversário, ali sozinho junto ao rio, o pior porque juntamente com esse reconhecimento não pudera dizer que, bom, agora percebia, uma vez que não recebera nenhum conhecimento novo em troca do outro, mas uma espécie de complexidade assustadora quando se punha a pensar no mundo, sendo que nessa noite pensou no mundo de forma terrivelmente profunda, torturando-se para conseguir perceber, mas sem sucesso, pois essa complexidade apenas se tornou cada vez mais impenetrável, e tinha já a sensação de que o sentido desse mundo cuja compreensão tanto o torturava era essa complexidade, que o mundo equivalia portanto à sua própria complexidade, e era até ali que tinha chegado, sem que tivesse desistido, quando alguns dias depois percebeu que havia algum problema com a sua cabeça.

6

Naquela altura já ele vivia sozinho há muitos anos, contou aos sete miúdos, também ele sentado de cócoras e encostado ao gradeamento, levando com o vento de Novembro que soprava na ponte pedonal, sozinho, disse, uma vez que o seu casamento já antes ruíra devido ao caso Hermes (limitando-se a indicar com a mão que mais tarde haveria de dizer que caso fora aquele), sendo que depois disso se «queimara por um amor tão profundamente intenso» que decidira nunca mais se aproximar das mulheres, nunca mais, o que naturalmente não significava um isolamento total, pois sempre havia mulheres para uma ou outra noite mais difícil, dizia Korim olhando para os miúdos, e se bem que estivesse essencialmente sozinho, estava também com várias pessoas, naturalmente tinha relações de trabalho por causa do seu emprego no arquivo, relações de vizinhança por causa dos vizinhos, relações de rua por circular na rua, relações de comércio e de taberna por causa das pessoas que andavam nas compras e dos que bebiam na taberna, e assim por diante, afinal de contas, agora que pensava nisso, disse, mantinha proximidade com bastante gente, ainda que estivesse no canto mais afastado dessa proximidade, bastante gente mesmo, até que também essas pessoas acabaram por se afastar dele, mais ou menos a partir da altura em que no arquivo, nas escadas do prédio, na rua, nas lojas e na taberna ele se viu obrigado a contar que infelizmente achava que ia perder a cabeça, e quando perceberam que ele não estava a pensar naquilo figurativa nem metaforicamente, mas tal qual estava a dizer, ou seja, que infelizmente era provável que a cabeça se separasse do pescoço, fugiram então como se fugissem de uma casa a arder, quase a sete pés, de modo que rapidamente toda a gente à sua volta desapareceu, e ele ali ficou, como uma casa a arder, sendo que primeiro começaram a evitá-lo, não mais lhe dirigindo a palavra no arquivo, após o que deixaram de

lhe retribuir o cumprimento e de comer à mesma mesa que ele, até que no final já se desviavam quando o viam na rua, percebem?, perguntou Korim aos sete miúdos, quando viam que ele vinha na rua, desviavam-se, o que para ele fora o mais doloroso, acrescentou, mais doloroso até do que aquilo que lhe acontecera às cervicais, já que fora precisamente naquele estado que ele mais teria necessitado de alguma compaixão, disse, e via-se que teria gostado de continuar a desenvolver o assunto até ao mais pequeno pormenor, da mesma forma que se via nos sete miúdos que isso para eles teria sido inútil, pois os sete não teriam reagido a nada, aquilo não lhes interessava em absoluto, sobretudo a partir do momento em que «o gajo tinha começado a perder a cabeça», conforme mais tarde contaram aos outros, aquilo para eles tinha sido «a gota de água», disseram, e olhavam uns para os outros, enquanto o mais velho acenava aos outros com a cabeça, o que queria dizer qualquer coisa como «deixa estar, não vale a pena», após o que se limitaram a continuar de cócoras em silêncio, a olhar para o estuário de carris, e quando por vezes um ou outro comboio de mercadorias chocalhava debaixo deles e um dos miúdos perguntava quanto tempo faltava, o mais velho, que estava ao lado de um dos loiros, olhava sempre para o relógio e dizia que avisaria quando fossem horas, e até lá que se calassem.

7

Se Korim tivesse sabido que eles tinham tomado uma decisão, e precisamente essa decisão, se ele se tivesse apercebido daquele acenar de cabeça, então claro que nada teria acontecido como aconteceu, só que ele não sabia, porque não se apercebera, e aparentemente interpretava as coisas de uma forma completamente diferente do que eram, tornando-se para ele

ÍNDICE

I. Como uma casa a arder	9
II. Ambiente festivo	71
III. Já toda a Creta	127
IV. Aquilo em Colónia	159
V. A caminho de Veneza	185
VI. Para os poder tirar dali.....	215
VII. Sem levar nada com ele.....	279
VIII. Estiveram na América	311

György Korim acredita ter encontrado um manuscrito antigo e misterioso nos arquivos da remota localidade húngara onde trabalha. Perturbado pela beleza arrebatadora do texto, o mais maravilhoso mas também o mais enigmático que alguma vez leu, está determinado a descobrir a sua verdadeira mensagem e a preservá-lo para a posteridade. Instalado num pequeno apartamento miserável em Nova Iorque, o «centro do mundo», transcreve-o obsessivamente ao computador, revelando a estranha aventura de quatro homens desconhecidos que um dia na Antiguidade naufragam na costa de Creta, e desde aí vagueiam pela História, por uma eternidade de guerras, procurando uma saída, ao mesmo tempo que vai fundindo este relato com a sua própria realidade.

Inédito em língua portuguesa, *Guerra e Guerra* é uma das obras mais importantes e aclamadas do Prémio Nobel László Krasznahorkai: um romance sobre a composição enigmática da consciência, a sublimação da linguagem, a loucura e a busca pela beleza num mundo em ruínas.

«Uma das experiências mais profundamente perturbadoras
que se pode ter como leitor. No final do romance,
senti que tinha chegado tão perto quanto a literatura
me poderia levar de habitar outra pessoa.»

The New Yorker



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[cavalodeferro](#)

[penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-589-570-0



9 789895 895700